

RELATO DE EXPERIÊNCIA

ORIENTAÇÃO COLETIVA DE MESTRADO NA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNICAMP*

José Camilo dos Santos Filho

e

Maria Lúcia R. D. Carvalho

da Faculdade de Educação/UNICAMP

RESUMO

Este artigo relata uma experiência pioneira no contexto brasileiro, de caráter interdisciplinar e integrado de pesquisa e orientação coletivas de dissertações de mestrado em educação, iniciada na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas a partir de 1985. No modelo colegiado de orientação de mestrandos ressalta-se a potencialidade para superar uma série de problemas relacionados à orientação de pesquisa. Apresentam-se aqui a temática da pesquisa coletiva (administração descentralizada da educação de 1º grau), a metodologia adotada e um balanço dos aspectos positivos e negativos da experiência.

ENSINO SUPERIOR • PÓS-GRADUAÇÃO • PESQUISA
INTERDISCIPLINAR • ORIENTAÇÃO EM GRUPO

ABSTRACT

COLLECTIVE TUTORING AND INTERDISCIPLINARY RESEARCH AT FE/UNICAMP. This paper describes a pioneering experience in Brazilian education colleges, of interdisciplinary, collective research and joint tutoring of masters' theses, set up at the Education College of the State University of Campinas in 1985. The model adopted is shown to be likely to overcome a series of problems in masters' tutoring. The article presents the subject of the collective research (on decentralizing basic education system), as well as the methodology used and an assessment of positive and negative aspects of the experience.

* Uma versão deste artigo foi apresentada ao Congrès International de l'AIPU na Université de Laval (Sainte-Foy) em Quebec, Canadá, 29/5 a 1/6/1991.

Este trabalho apresenta o relato de uma experiência pioneira (no contexto brasileiro), de caráter interdisciplinar e integrado de pesquisa coletiva e de orientação coletiva de dissertações de mestrado em educação, iniciada na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas-FE/UNICAMP a partir de 1985. A intenção subjacente a tal iniciativa foi superar duas ordens de problemas (de natureza institucional e de caráter individual) muito freqüentes nos programas de pós-graduação e entre pós-graduandos.

O modelo convencional de orientação de pós-graduandos tem sido de um único orientador para cada orientando. Este modelo está baseado em duas pressuposições básicas. A primeira é de que o orientador é academicamente qualificado na área de pesquisa do estudante. A segunda é de que, tendo o orientador concluído com sucesso um projeto de pesquisa, está apto a ensinar habilidades de pesquisa e de redação de relatórios (Knight e Zuber-Skerritt, 1986). A evidência, porém, tem mostrado que estas pressuposições nem sempre têm fundamento e não se aplicam a todos os orientadores. A orientação inadequada é citada na literatura como um problema muito significativo relacionado ao fracasso dos pós-graduandos na conclusão de suas pesquisas (Rudd, 1975, 1984; Welsh, 1979; Ibrahim et al., 1980; Moses, 1981, 1984, 1985; Beard, Hartley, 1984; Zuber-Skerritt, 1987). O pouco contato do estudante com seu orientador ou a ineficácia deste contato pode até mesmo dar-lhe a impressão de que seu fracasso em avançar e concluir sua pesquisa seja fruto de sua incompetência. No entanto, isto às vezes pode estar relacionado a situações identificadas por Welsh (1979) como problemas emocionais e psicológicos resultantes do isolamento intelectual, da insegurança quanto aos padrões exigidos e da falta de confiança em ser capaz de concluir sua tese no tempo programado. Parece que problemas desta natureza estão relacionados ao considerável grau de evasão de pós-graduandos e ao baixo rendimento da maioria dos programas de pós-graduação do país. Este problema como um todo foi revisado recentemente por Brown e Atkins (1988), levando em conta mais detalhadamente o contexto britânico.

Como superação dos problemas deste modelo convencional de orientação de teses e de uma série de outros problemas vinculados à atual estrutura de pós-graduação e aos próprios estudantes, tentamos implementar, em nosso programa, um modelo de orientação coletiva e integrada de estudantes, que trabalharam de forma articulada e grupal uma temática de pesquisa sob diferentes perspectivas. Esta experiência pretendeu mostrar o valor da prática colegiada de pesquisa e sua potencialidade para superar o tradicional modelo de orientação de estudantes e os problemas decorrentes, de natureza institucional e individual, que estão na raiz do fracasso de muitos pós-graduandos e da pouca produtividade de certos programas de pós-graduação do país.

A qualidade do esforço de pesquisa da universidade é da maior importância para a nação como um todo e os estudantes de pós-graduação são um re-

curso nacional cuja qualidade e número podem afetar profundamente o bem-estar do país. Por isso, deve-se realizar todo esforço possível para que os estudantes de pós-graduação desenvolvam plenamente seu potencial e concluam com êxito seus cursos e pesquisas. A evasão ou o insucesso em concluir seu projeto de pesquisa representa um custo muito alto para o estudante, para o orientador, para a instituição, para o sistema educacional e para a sociedade, em termos de investimento em tempo, dinheiro e compromisso pessoal, institucional e social.

Neste artigo apresentamos, primeiro, uma breve análise do conceito de colegialidade e de suas condições de funcionamento, princípio que está na raiz do modelo adotado por nosso grupo de pesquisa. Em seguida, explicitamos alguns dos problemas de natureza institucional e individual mais freqüentemente enfrentados pelos estudantes de pós-graduação. Em terceiro lugar, descrevemos a origem, objetivos e temática básica de nosso projeto, seguidos de uma breve descrição da metodologia geral utilizada no trabalho de orientação coletiva das pesquisas dos pós-graduandos. Finalmente, na última parte apresentamos um breve balanço da experiência com seus aspectos positivos e suas dificuldades.

A COLEGIALIDADE E SUAS CONDIÇÕES DE FUNCIONAMENTO

A colegialidade na academia tem estado mais freqüentemente ligada à forma de administração da universidade, onde a prática tem sido a adoção de um processo decisório baseado na reconciliação de pontos de vistas de especialistas e de interesses divergentes através da discussão colegiada, que torna possível a solução de compromisso. Nesse processo, os docentes sentem um relativo grau de igualdade e de mútua responsabilidade, o que, apesar da estrutura hierárquica da carreira universitária, os faz considerar o próprio reitor como apenas um *primus inter pares*. Segundo Elton e Pope (1989), esta atitude de mútua responsabilidade entre colegas e a assistência de uma hierarquia discreta são a essência da colegialidade.

Concordamos com Elton e Pope que esta mesma colegialidade deveria ser aplicada ao relacionamento entre os grupos de pesquisa e os estudantes. Esta postura levaria os orientadores a afirmar que os estudantes trabalham *com* eles e não *para* eles. Esta prática de trabalho seria caracterizada (Young et al., 1987, p.35) "por fatores intangíveis que operam ao nível do grupo, em especial a sensação, comum tanto ao grupo de estudantes-pesquisadores quanto ao *staff* com quem trabalham, de estarem engajados num empreendimento comum". Como o mesmo Young e colaboradores afirmam, o compromisso de união do grupo depende de um alto grau de "comunalidade" de interesses de pesquisa entre o *staff* e os estudantes, bem como da presença física regular de um número mínimo de estudantes.

Outro argumento importante para estender a colegialidade para os estudantes de pesquisa é que, após sua formação, serão candidatos naturais a posições acadêmicas e a se tornarem nossos colegas. Sua maior autonomia no processo de aprendizagem e o espírito de colegialidade na orientação de suas pesquisas serão as formas pedagogicamente mais adequadas para conduzi-los à plena autonomia e maturidade acadêmica (Boud, 1988).

Algumas condições necessárias para o funcionamento da colegialidade são apontadas por Elton e Pope (1989). Primeiro, é importante que o *locus* de poder e controle sobre o projeto de pesquisa seja compartilhado. Isto significa que os estudantes devem ser compatíveis com seus orientadores e não apenas selecionados por estes. Ambos devem participar na seleção do tópico de pesquisa. É importante que a escolha não seja uma decisão exclusiva nem do orientador ou do *staff* apenas, nem só do estudante. Este processo de compatibilização é um fator crucial na manutenção do equilíbrio apropriado e da integração dos interesses envolvidos.

Segundo, uma vez aceitos no programa e associados a orientadores compatíveis com seus interesses de pesquisa, os estudantes deveriam juntar-se a uma comunidade de pesquisa que lhes forneceria estímulo e apoio colegiado ao longo de sua formação em pesquisa. Conforme a experiência de Elton e Pope (1989), esta comunidade não deveria ser muito grande, para assegurar sua coerência interna. Schumacher (1983) entende que ela não deveria exceder 15-20 pessoas. Esta comunidade deveria compreender não apenas pesquisadores, mas também o pessoal de apoio, como os técnicos, administradores e secretárias.

Terceiro, o espírito de colegialidade deve permear os membros da comunidade de pesquisa e este princípio deve influenciar profundamente o programa formal de formação do pós-graduando.

Quarto, as normas sobre exames e mesmo as avaliações intermitentes devem ser tais que estimulem — ou pelo menos não prejudiquem — o espírito de cordialidade entre o orientando e o orientador.

Cada uma destas condições requer a consideração simultânea dos fatores organizacionais e pessoais/interpessoais, expressos esquematicamente no Quadro 1 (Elton e Pope, 1989, p.273).

Como enfatizam Elton e Pope (1989), ao contrário do que entendem Young e colaboradores (1987), as condições para o funcionamento da colegialidade são relativamente tangíveis. A colegialidade requer a presença física e regular de um número mínimo de estudantes e docentes num espaço comum para o trabalho e o contato informal. Esta tradição, já consolidada há bastante tempo nas ciências naturais, precisa ser incorporada pela prática de pesquisa das ciências sociais e humanas. Neste novo arranjo da produção de conhecimento está criada também uma das condições fundamentais para a prática da interdisciplinaridade na universidade.

QUADRO 1

Fatores organizacionais e pessoais/interpessoais que afetam diferentes aspectos da experiência de um estudante de pesquisa

Experiência do estudante	Fatores organizacionais	Fatores pessoais/interpessoais
Indução	Procedimentos de admissão, seleção do tópico de pesquisa	Processo de compatibilização
Comunidade de pesquisa	Tamanho e arranjo espacial	Baixa ênfase na hierarquia
Colegialidade	Programa de formação	Responsabilidade compartilhada pela mútua aprendizagem
Exames	Normas	Efeitos no relacionamento

PROBLEMAS DE NATUREZA INSTITUCIONAL E INDIVIDUAL

Um dos graves problemas enfrentados pelos estudantes de pós-graduação refere-se à dificuldade que têm apresentado para completarem as exigências do curso no tempo regulamentar. De um lado, nota-se a permanência de muitos estudantes no curso por um período muito longo. No caso brasileiro, alunos de mestrado de certos cursos têm levado dez anos para defenderem suas dissertações. De outro, constata-se uma evasão considerável de estudantes, especialmente na fase de realização da dissertação de mestrado. A literatura referente a este tópico revela-nos pelo menos duas ordens de problemas: os de caráter institucional e os de caráter individual.

Entre os principais problemas de caráter institucional, destacam-se:

- orientador desinformado, ignorante ou com interesses de pesquisa diferentes daquelas do orientando (Moses, 1984);
- orientador com número excessivo de orientandos (Moses, 1984);
- falta de definição pelo orientador e pelo estudante de um plano de curso com um mínimo de articulação entre as disciplinas;
- exigência de um número muito grande de créditos, o que leva, muitas vezes, o estudante a cursar um *pot-pourri* de disciplinas;
- falta de bolsas de estudos, no valor necessário para sobrevivência, para todos os estudantes de pós-graduação;
- existência de um único orientador e, conseqüentemente, algumas limitações metodológicas e de conteúdo, agravadas pela estrutura dispersa dos cursos e seu pequeno relacionamento com o tópico de pesquisa do candidato;
- falta de socialização dos serviços oferecidos pela universidade em relação ao trabalho de tese ou dissertação.

Entre os problemas de caráter individual, destacam-se:

- falta de formação básica do estudante na área de conhecimento específico e de experiência em métodos e técnicas de pesquisa (Welsh, 1979; Sternberg, 1981);
- falta de disponibilidade de tempo para dedicação ao curso, pois a grande maioria dos estudantes faz o curso em tempo parcial e continua trabalhando;
- propostas de trabalho muito ambiciosas e abrangentes, talvez conseqüência do *pot-pourri* de cursos realizados;
- demora na definição do problema a ser pesquisado e na revisão da literatura (Zuber-Skerritt e Knight, 1986);
- divagação e distanciamento do foco principal da pesquisa (Zuber-Skerritt e Knight, 1986);
- levantamento inadequado de dados (Zuber-Skerritt e Knight, 1986);
- falta de comunicação entre orientador e orientando (Moses, 1981, 1984);
- problemas emocionais, tais como insegurança quanto aos padrões de exigência, isolamento social e intelectual, falta de autoconfiança etc. (Welsh, 1979; Sternberg, 1981);
- dificuldade de redação e expressão em nível científico.

Com maior ou menor intensidade, esses problemas são vividos pelos pós-graduandos de nossa Faculdade. Conscientes disso, iniciamos uma experiência de trabalho em equipe que visava superar estes problemas institucionais e individuais, testar uma estratégia de trabalho que articulasse várias pesquisas a uma temática comum abrangente e integrar o trabalho de orientação das pesquisas de um grupo de mestrandos.

Na adoção de um modelo colegiado de orientação dos mestrandos, víamos uma série de vantagens sobre o tradicional modelo de orientador único. Entre estas, eram especialmente significativas a maior articulação entre teoria e prática, o maior suporte emocional do grupo, a superação do isolamento intelectual, a maior integração do saber produzido e a maior relevância dos resultados para a solução de problemas educacionais concretos. Nossa suposição era de que a relevância e sucesso da pesquisa científica atual vinham sendo garantidos cada vez mais pela adoção de perspectivas multi e interdisciplinar, que se caracterizam pelo trabalho em equipe e pela busca da integração das disciplinas científicas (Santos Filho, 1990).

Em nosso projeto, a interdisciplinaridade exigiu a participação de quatro professores do Departamento de Administração e Supervisão Educacional, especialistas em diferentes disciplinas do conhecimento, dois professores do Departamento de Filosofia e História da Educação e oito mestrandos da área de concentração em administração educacional.

ORIGEM, OBJETIVOS E TEMÁTICA DO PROJETO

A idéia inicial deste trabalho surgiu num curso de pós-graduação sobre Organização e Administração da Educação, ministrado pelos autores deste artigo durante o primeiro semestre de 1985, para uma turma de mestrandos da área de concentração em administração e supervisão da educação. O tema da descentralização da administração foi escolhido pelos professores e estudantes do curso para ser aprofundado, visando a elaboração de projetos de pesquisa no decorrer do segundo semestre de 1985.

Coincidentemente, no final do primeiro semestre daquele ano, fomos informados sobre o interesse de algumas agências financiadoras de pesquisa em apoiar projetos de pesquisa integrada. Ainda naquela ocasião, tomamos conhecimento da criação de um Programa de Pesquisas Coletivas e Dissertações Individuais integrado pela FINEP, CAPES, CNPq e INEP, que pretendia estimular a integração acadêmica entre diferentes departamentos, numa tarefa integrada e articulada de pesquisa.

A partir do segundo semestre, os oito alunos que tinham participado do curso confirmaram seu interesse e compromisso em formar um grupo de pesquisa com os dois professores, com o objetivo explícito de desenvolver suas dissertações de mestrado numa forma diferente da convencional. Ao grupo original de professores, integraram-se dois outros do Departamento de Administração e Supervisão da Educação e, a partir do primeiro semestre de 1986, este grupo de quatro professores coordenou o processo de elaboração dos vários subprojetos do grande projeto e participou ativamente no desenvolvimento desta nova experiência, que se coroou de pleno êxito com a conclusão das pesquisas e das dissertações no decorrer do segundo semestre de 1989. Tal experiência iniciou o movimento pioneiro de organização de grupos de pesquisa dentro da Faculdade de Educação da UNICAMP.

Incluía-se entre nossos objetivos a intenção de integrar o maior número possível de professores de vários departamentos da Faculdade de Educação, interessados na temática da pesquisa. Embora professores de vários departamentos tenham manifestado interesse e mesmo tentado buscar uma integração com o grupo original, na prática esta se viabilizou apenas entre professores do Departamento de Administração e Supervisão Educacional e do Departamento de Filosofia e História da Educação.

Em suma, quanto à formação final do grupo, esse ficou assim constituído: três professores-orientadores, um professor do Departamento de Administração e Supervisão Educacional com um projeto de pesquisa específico, mais três professores do Departamento de Filosofia e História da Educação, também desenvolvendo uma pesquisa histórica e os oito mestrandos com seus respectivos projetos de dissertação (os professores que não participaram diretamente da orientação dos mestrandos serão aqui referidos como "pesquisadores").

Todos esses subprojetos integravam, na verdade, um projeto comum cujos objetivos, em sua dimensão substantiva, foram:

- analisar as tendências e possibilidades da descentralização da educação de 1º grau em nossa realidade; e
- identificar as condições institucionais e organizacionais necessárias ao processo de descentralização da administração da educação a nível estadual e municipal.

Quanto ao modelo de pesquisa a ser adotado, nossos objetivos foram:

- integrar pesquisadores no estudo de uma temática abrangente e comum, tendo em vista a maior relevância do conhecimento produzido e a solução de problemas específicos concretos;
- desenvolver um modelo de pesquisa em equipe envolvendo concomitantemente professores e mestrandos, com vistas à racionalização de recursos e otimização do processo de produção científica na universidade; e
- agilizar e incentivar o processo de formação científica dos pós-graduandos, atingindo resultados positivos em termos de dinamização da estrutura acadêmica de nossa universidade.

O tema geral da pesquisa, intitulada "Novas propostas de administração descentralizada da educação de 1º grau", foi subdividido em temas mais específicos que foram objeto de um ou mais subprojetos de pesquisa elaborados por membros do grupo de pesquisa. Os temas específicos e seus respectivos subprojetos foram os seguintes.

Aspecto histórico do confronto centralização/descentralização do ensino de primeiro grau

Subprojeto 1: Centralização e descentralização do ensino elementar brasileiro: abordagem histórica (a partir da década de 40).

Estudo de educação comparada

Subprojeto 2: Comparação dos modelos de escola municipalizada no Brasil e no Chile: um estudo de caso.

Estudo sócio-político da descentralização da educação

Subprojeto 3: Controle tecnocrático e alternativas de gestão descentralizada na supervisão do ensino estadual de 1º grau da cidade de São Paulo.

Políticas e propostas governamentais de participação e descentralização

Subprojeto 4: A participação como essência do processo de descentralização e municipalização da educação de 1º grau: um estudo de caso.

Subprojeto 5: Orientações participativas e descentralizadas: uma (in)viabilidade na estrutura administrativa do ensino de 1º grau.

Subprojeto 6: CEPEC — A escola cidadã (as implicações da descentralização dos Centros Polivalentes de Educação e Cultura de Piracicaba).

Alternativas de gestão participativa/descentralizada

Subprojeto 7: A supervisão de ensino num contexto de administração participativa.

Subprojeto 8: Obstáculos e possibilidades para uma gestão democrática e participativa na escola pública estadual de 1º grau.

Subprojeto 9: Administração da escola pública estadual: exercício solitário ou solidário?

Implicações financeiras da descentralização da administração da escola

Subprojeto 10: As implicações financeiras da municipalização do ensino de 1º grau.

A CAPES forneceu bolsa de estudos para todos os pós-graduandos envolvidos no projeto, a FINEP concedeu financiamento para sua implementação. A metodologia utilizada para a elaboração dos subprojetos e para a orientação colegiada está descrita na seção que segue.

METODOLOGIA DE TRABALHO

A metodologia de trabalho, aqui apresentada esquematicamente, envolveu dois momentos complementares: no primeiro, definiram-se algumas ações e regras básicas de funcionamento do grupo; no segundo, detalharam-se as atividades a serem executadas por orientadores e orientandos no decorrer da elaboração e execução do projeto.

As decisões e ações da primeira fase foram:

- formação da equipe de professores-pesquisadores que participariam do grupo;
- formação da equipe de professores-orientadores e de estudantes que participariam da discussão e apreciação de cada subprojeto;
- realização de seminário semanal para a elaboração dos subprojetos de pesquisa;
- realização de encontros periódicos da equipe de orientadores para o acompanhamento e avaliação das diversas etapas do trabalho;
- aceitação, pela equipe de orientadores, do princípio de flexibilidade para adoção da linha metodológica para cada subprojeto, de acordo com a natureza do estudo e a preferência metodológica do estudante-pesquisador;
- realização de reuniões para determinação do custo global do projeto, tendo em vista a solicitação de financiamento para a pesquisa, a racionalização do processo e a economia de recursos.

As principais atividades executadas pela equipe de orientadores e orientandos na segunda fase foram:

- realização de reuniões dos professores-orientadores para definirem a estratégia específica de trabalho com o grupo de orientandos;
- realização de reuniões de orientadores, pesquisadores e orientandos para definição e delimitação dos temas e áreas a serem investigadas;

- realização de reuniões dos orientadores, pesquisadores e orientandos para: definição dos subprojetos, explicitação e elaboração dos problemas e objetivos específicos de cada subprojeto, explicitação e detalhamento da metodologia de pesquisa de cada subprojeto, análise e levantamento da literatura crítica e elaboração da revisão da literatura sobre cada tema específico, desenvolvimento e revisão crítica dos instrumentos da pesquisa, implementação dos subprojetos de acordo com os cronogramas estabelecidos, avaliação do andamento dos trabalhos para a solução dos problemas surgidos durante sua execução;
- realização de seminários para apresentação de cada subprojeto e sua avaliação pela equipe de orientadores, pelos pesquisadores e pelos estudantes engajados no grupo de pesquisa;
- elaboração, pelos mestrandos, de seu relatório específico de pesquisa e avaliação crítica do trabalho pela equipe de professores-orientadores;

Após a conclusão do projeto, realizou-se um seminário do grupo de pesquisa junto com representantes da CAPES e da FINEP, para avaliação da experiência coletiva de pesquisa. Na Faculdade de Educação, realizou-se outro seminário para apresentação e discussão dos trabalhos concluídos e relato da experiência.

A equipe coordenadora do projeto elaborou relatório final em função de seus objetivos gerais, e os trabalhos relativos aos subprojetos estão sendo preparados para publicação, para análise pela comunidade científica e pelos profissionais da educação.

BALANÇO DA EXPERIÊNCIA

Esta experiência de trabalho coletivo de pesquisa e de orientação colegiada de pós-graduandos apresentou um conjunto relevante de aspectos positivos, mas evidenciou também a persistência de algumas dificuldades que precisam ser superadas, a fim de torná-la mais eficaz e produtiva.

Entre os aspectos positivos desta experiência de trabalho, cabe salientar:

a pluralidade de perspectivas teóricas e metodológicas no tratamento de um tema de pesquisa;

melhor assistência aos orientandos, que se beneficiaram das diferentes competências dos orientadores, tanto na dimensão substantiva como na metodológica de seus projetos;

racionalização do trabalho de orientação, através da orientação coletiva das partes comuns dos subprojetos;

articulação mais adequada entre teoria e prática no processo de aprendizagem da pesquisa científica;

maior efetividade dos mestrandos no trabalho de levantamento bibliográfico e na utilização da bibliografia pertinente;

o apoio, estímulo e reforço do grupo nas diferentes etapas do projeto e nos diversos aspectos do trabalho;

desenvolvimento de um sistema de aprendizagem coletiva, experiencial e participativa;

apoio administrativo interno e financeiro externo para a realização do projeto;

desenvolvimento de um corpo considerável e integrado de pesquisas sobre um mesmo tema num breve lapso de tempo;

a conclusão das dissertações de mestrado por todos os estudantes envolvidos no projeto, representando um alto índice de produtividade do projeto;

o padrão de qualidade do produto das pesquisas num patamar superior à média, segundo a avaliação dos orientadores; e a vivência colegiada de uma experiência de pesquisa.

Dentre as dificuldades identificadas pelos orientadores e pelos mestrandos no decorrer da pesquisa, as mais graves foram:

falta de hábito de trabalho em equipe, levando o grupo a ser pouco eficiente em suas tarefas, durante a primeira fase do projeto;

dificuldade para reunião de todos os membros do grupo em função de compromissos externos de alguns deles;

falta de experiência prévia da vivência de um processo completo de pesquisa científica;

dificuldade de redação e expressão em linguagem científica, por parte de mestrandos, assim como a falta de domínio de uma língua estrangeira;

dificuldades financeiras de alguns membros do grupo, o que limitou sua plena participação nas atividades regulares do grupo;

relativa precariedade institucional, em termos dos serviços de apoio e da disponibilidade de equipamentos;

a alta inflação na época da execução do projeto, o que tornou os recursos previstos insuficientes para o financiamento de todas as atividades programadas.

Esperamos ter ressaltado o valor da colegialidade na relação entre orientadores e orientandos num programa de formação de pesquisadores, bem como a necessidade e os benefícios de uma abordagem holística do problema de orientação de jovens pesquisadores. Importa também salientar que, para tornar mais eficaz a adoção do modelo colegiado de orientação, é importante criar as condições institucionais e interpessoais/pessoais favoráveis a sua plena implementação.

Pelo balanço positivo desta experiência, fica evidente que o modelo colegiado de orientação de pesquisa tem o potencial para resolver muitos dos problemas de natureza institucional e individual identificados pela literatura especializada como fatores condicionantes do fracasso, da longa permanência da maioria dos pós-graduandos nos cursos, ou mesmo de sua formação deficiente como pesquisadores. O modelo colegiado de orientação permite a criação de um sistema de apoio ao estudante capaz de superar

uma série de problemas vinculados ao modelo tradicional de orientação individual. O apoio do grupo para elevar o moral e a auto-confiança do pós-graduando, assegurado por esse modelo, é crucial para reduzir a alta evasão dos estudantes e acelerar seu processo de conclusão do curso. A interação e o apoio mútuos nos seminários e *workshops* constituem uma ajuda importante para os estudantes nas fases críticas de seu processo de pesquisa. Enfim, a colaboração entre os orientadores e os orientandos cria um ambiente mais cooperativo e aberto para a aprendizagem de pesquisa e para o estabelecimento de um relacionamento de aprendizagem do tipo "aprendiz-mestre", possivelmente a forma mais importante de transmissão da herança intelectual entre uma geração de pesquisadores e a seguinte.

Como alternativa ao modelo tradicional de orientação individual, o modelo colegiado de orientação permite que os orientadores tratem seus orientandos mais como colegas e menos como alunos. Este tratamento cria uma atmosfera favorável ao desenvolvimento da autonomia dos estudantes e ao seu amadurecimento como pesquisadores autônomos e capazes de se integrar num grupo de pesquisa interdisciplinar.

Fica evidente, também, pela constatação dos inúmeros problemas institucionais e individuais relacionados à orientação de pós-graduandos e pela presença de uma série de dificuldades na própria adoção do modelo colegiado de orientação de pesquisa, que esta prática colegiada não constitui uma panacéia para a solução de todos os problemas relacionados à formação das novas gerações de pesquisadores. Outras

medidas importantes são necessárias para se superarem os problemas de natureza institucional e individual relacionados à prática de orientação de pesquisas.

Neste contexto, sugerimos três medidas de caráter institucional e uma medida de natureza individual e/ou grupal, relativamente fáceis de serem implementadas. As medidas institucionais são: (1) cada departamento deveria criar regras de escolha de seus candidatos de modo a assegurar que seus estudantes tenham orientadores interessados em seus temas de pesquisa; (2) cada departamento poderia produzir um pequeno *folder* com informações sobre as linhas de pesquisa do departamento e sobre os interesses de pesquisa de seus professores-orientadores; (3) cada departamento criaria uma comissão permanente para seleção de seus candidatos e acompanhamento do progresso dos pós-graduandos a fim de fornecer, tanto à instituição como a seus estudantes, uma avaliação formativa periódica de seu desempenho. A estruturação de um cronograma formal de encontros e reuniões com os orientandos constituiria um instrumento bastante eficaz para assegurar aos estudantes o acesso a seu orientador, a interação e o estímulo intelectual e, ao orientador, a oportunidade para cobrar avanço no trabalho de pesquisa e uma certa disciplina para o atendimento de seus orientandos. Em toda esta faina, o objetivo fundamental é acompanhar a caminhada do estudante para a competência no trabalho de pesquisa independente e cooperativa, ajudando, assistindo, orientando e interferindo quando necessário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEARD, R., HARTLEY, J. *Teaching and learning in higher education*. London: Harper and Row, 1984.
- BOUD, D. *Developing student autonomy in learning*. London: Kogan Page, 1988.
- BROWN, G., ATKINS, M. *Effective teaching in higher education*. London: Methuen, 1988.
- ELTON, L., POPE, M. Research supervision: the value of collegiality. *Cambridge Journal of Education*, v.19, n.3, 1989.
- IBRAHIM, E. Z., McEVAN, E. M., PITBLADO, R. Doctoral supervision at Sydney University, hindrance or help? *Vestes*, n.23, 1980.
- KINGHT, N., ZUBER-SKERRITT, O. Problems and methods in research: a course for the beginning researcher in the Social Sciences. *Higher Education Research and Development*, Kensington (Austrália), v.5, n.1, 1986.
- MOSES, I. *Postgraduate study: supervisors, supervision and information for students*. Brisbane: Tertiary Education Institute, University of Queensland, 1981.
- _____. Supervision of higher degree students: problem areas and possible solutions. *Higher Education Research and Development*, Kensington (Austrália), v.3, n.2, 1984.
- MOSES, I. *Supervising postgraduates*. Sydney: Higher Education Research and Development Society of Australasia, 1985. (HERDSA Green Guides, 3)
- RUDD, E. *The highest education*. London: Routledge and Kegan Paul, 1975.
- _____. Research into postgraduate education *Higher Education Research and Development*. Kensington (Austrália), v.3, n.2, 1984.
- SANTOS FILHO, J. C. *A interdisciplinaridade na universidade*. Campinas: FE/UNICAMP, 1990. mimeo.
- SCHUMACHER, C. The problem of scale in higher education. In: GOODLAD, S. (ed.) *Economies of scale in higher education*. Guildford: SRHE, 1983.
- STERNBERG, D. *How to complete and survive a doctoral dissertation*. New York: St. Martin's Press, 1981.
- WELSH, J. M. *The first year of postgraduate research study*. Guildford: University of Surrey, 1979. (SRHE Monographs)
- YOUNG, K. et al. *The management of doctoral studies in the Social Sciences*. London: Policy Studies Institute, 1987. (Occasional Papers)
- ZUBER-SKERRITT, O. Helping postgraduate research students learn. *Higher Education*, Amsterdam, v.16, n.1, 1987.
- ZUBER-SKERRITT, O., KNIGHT, N. Problem definition and thesis writing: workshops for the postgraduate student. *Higher Education*, Amsterdam, v.15, n. 1/2, 1986.
-

